

---

## **Ação Educomunicativa em Tempos da Pandemia: a Experiência do Núcleo de Educação e Comunicação Popular (Ncep)<sup>1</sup>**

Izabela MORVAN<sup>2</sup>

Ligia PARIZE<sup>3</sup>

Patrick Tales GONÇALVES<sup>4</sup>

José Carlos FERNANDES<sup>5</sup>

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

### **Resumo**

Artigo de caráter exploratório e inicial sintetiza resultados de pesquisa de campo junto a universitários extensionistas – estudantes do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, PR – e compila relatos das experiências desses alunos, que atuam junto ao Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP). Durante os meses de isolamento social imposto pela Covid-19, grupo desenvolveu atividades remotas junto a crianças e adolescentes da periferia – uma população exposta a zonas de alto risco de contágio – e lista saberes desenvolvidos nessas ações. Entre as variáveis aqui analisadas estão: continuidade dos projetos de extensão durante a pandemia, limites das ações extensionistas, vínculos com atores parceiros e rompimento de isolamento de vulneráveis durante a pandemia.

**Palavras-chave:** Educomunicação; extensão remota; jovens de periferias urbanas; pandemia.

### **Introdução**

O ano de 2020 será lembrado pela pandemia de Covid-19, suas mortes em escala industrial, abalos na economia, mas também pelo longo e controvertido encerramento das aulas presenciais, nas redes pública e privada de ensino. A medida radical e necessária, de impacto ainda não mensurável, serviu de motor para o isolamento de milhares de crianças, adolescentes e jovens brasileiros, em particular os mais pobres, moradores de espaços de alta vulnerabilidade e cuja dependência da escola não raro

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no **IJ07 Comunicação, Espaço e Cidadania**, do XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Extensionista do NCEP. Estudante de Graduação 3.º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR:

[izabelamorvan@ufpr.br](mailto:izabelamorvan@ufpr.br)

<sup>3</sup> Extensionista do NCEP. Estudante de Graduação 3.º semestre do Curso de Relações Públicas da UFPR:

[ligiaparize@ufpr.br](mailto:ligiaparize@ufpr.br)

<sup>4</sup> Extensionista do NCEP. Estudante de Graduação 3.º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR:

[patricktales@ufpr.br](mailto:patricktales@ufpr.br)

<sup>5</sup> Coordenador do NCEP. Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social na UFPR:

[zeca@ufpr.br](mailto:zeca@ufpr.br)

---

escapa às classes médias. Para esse grupo o isolamento social é também sinônimo de invisibilidade (CITELLI, 2017).

A zona de risco a que essa população se viu exposta – no seu conjunto – mobilizou os setores educacionais, ocupados em dar respostas aos limites impostos pela pandemia. Não houve consenso. Mas de qualquer modo, a pandemia não congelou o ensino, mesmo que para muitos assim pareça. Fazemos aqui uma mirada local. Depois de a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed) informar que adotaria uma fórmula possível de ensino a distância (EAD), centenas de escolas públicas retomaram as atividades na forma remota – o ERE, termo agora incorporado. Seguindo diretrizes semelhantes, a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba também retomou o cronograma escolar. Perdas e ganhos dessas medidas e congêneres nacionais são no momento moeda de troca no setor.

Nesse contexto de ação e reação – que encontra ecos em todo o país – emergiu o dilema social de estudantes, nos mais diversos níveis, sem acesso ao novo método de educação. Tal realidade, acredita-se, agrava as já grandes desigualdades entre os alunos e se converte num problema posto à educação nacional – ao lado de outros, como a evasão, o descompasso idade/escola e o déficit de aprendizado (RIBEIRO, 2018). Os relatos de *apartheid* escolar se multiplicaram, ilustrados por declarações sobre a falta de aparelhos digitais, de energia elétrica e de conexão com a internet. Um Brasil real mostrou a cara em meio à emergência aparentemente inofensiva do ERE.

Por ironia, a soma de dificuldades criou um interessante platô de debates sobre ensino público e práticas de ensino. É nesse local de debate público que o presente artigo se coloca. Em meio a um cenário de incertezas, os participantes do programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP), desenvolvido no Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (Decom-UFPR), decidiram atuar. E o fizeram à revelia da inibição espacial imposta pela pandemia.

A dizer: escolas e instituições parceiras do NCEP foram acionadas a partir do mês de maio de 2020, dando início a uma série de novos planos de trabalho. O núcleo, então, se soma ao conjunto das universidades brasileiras que construiu neste ano o termo “extensão remota”, aqui entendido como atividades a distância durante uma emergência sanitária e iminência de calamidade social.

---

Decidiu-se dividir as ações em quatro projetos – que serão pormenorizados neste artigo. Eles representam 20% do total de ações desenvolvidas pelo NCEP no ano anterior: 1) Extensão universitária nas ocupações irregulares do bairro da Caximba e junto a adolescentes do Colégio Estadual Santos Dumont: fusão de dois projetos voltados para a juventude redundou na produção de um documentário que capta a voz e as angústias de professores, educadores sociais, adolescentes e jovens da periferia durante a pandemia; 2) Projeto de extensão Reatar: iniciado há duas gestões do programa, encontrou no tempo da pandemia espaço para finalização da edição do livro *Vidas no positivo*, com depoimentos de empobrecidos contaminados pelo HIV que participam de grupo de adesão a medicamentos e apoio psicológico, no Hospital de Clínicas da UFPR; 3) Ação extensionista junto a adolescentes do Colégio Estadual João Gueno, na cidade de Colombo: produção de uma revista – a *Janelas abertas* – com estudantes do bairro São Dimas, moradores da periferia da Região Metropolitana de Curitiba; 4) ONG Passos da Criança: apoio a educadores na produção de material didático para crianças e adolescentes da comunidade Vila das Torres, área de ocupação mais antiga de Curitiba e na qual o NCEP desenvolve o projeto Museu da Periferia, iniciado em 2019. A atividade resultou na captação de depoimentos para um documentário remoto, sobre a organização e a vila na qual se desenvolve.

Exploramos aqui – na forma de subsídios e possíveis itens para pesquisas posteriores, mais aprofundadas – os aprendizados da ação extensionista feita a distância, os desafios encontrados pelos extensionistas e as metodologias desenvolvidas. Objetivo é gerar matéria prima para futuras tecnologias educacionais, comunicacionais e no campo da extensão universitária.

### **1. O Núcleo de Comunicação e Educação Popular**

O programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP), do Departamento de Comunicação, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), surgiu com o objetivo de promover o empoderamento comunicacional de crianças, jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social. Faz uso das teorias e práticas da educomunicação e da comunicação popular. Criado em 2003, pela professora Rosa Maria Dalla Costa, figura entre os mais antigos dentre as 350 iniciativas de extensão da UFPR.

---

A comunicação popular ganhou expressão no Brasil a partir dos anos 1950, com o desenvolvimento da Ação Católica, movimento laico que desenvolveu o método pragmático “ver-julgar-agir”, em especial junto a jovens e a operários. O método promoveu habilidades de comunicação entre os menos escolarizados e incidiu sobre outros movimentos sociais (SAVIANI, 2013).

A comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação [...]. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação. (PERUZZO, 2009, p. 46-61)

A educomunicação – segunda inspiração para o NCEP – amplifica e especifica premissas da comunicação popular, a exemplo da comunicação dialógica e participativa. A teoria e prática da educomunicação ganharam evidência nos anos 1990, com acento na produção do pesquisador Ismar de Oliveira Soares, da Universidade de São Paulo (USP). Pelos princípios da educomunicação, não se faz ação “para” o público-alvo, mas “com” ele, de modo a permitir que as pessoas se apropriem dos meios de comunicação (SOARES, 2011).

Dentre as ações do núcleo, à guisa de seu considerável acervo de realizações, deve-se citar projetos junto ao povo da rua, recolhimento de depoimento de soropositivos, atividades comunicacionais com refugiados e destinatários de ação humanitária. Também fazem parte dos atores com os quais o NCEP interage os sem-teto e catadores de recicláveis. Em conjunto com seus parceiros, os extensionistas produzem sites, livros, documentários, material didático e oficinas. Todas as atividades se dão mediante imersão e vínculo comunitário.

Em 2019, os projetos que formam o programa atingiram 800 pessoas diretamente e mais de 2 mil de forma indireta. As atividades do NCEP se dividem em três níveis – longo, médio e curto prazo. Entre as ações fixas, destaque para as oficinas de educomunicação em colégios estaduais e oficinas com jovens de periferia, em conjunto com a Promotora das Comunidades do Ministério Público do Paraná. São realizadas nas ocupações do bairro Caximba – sede do antigo Aterro Sanitário da

---

Região Metropolitana de Curitiba. No entorno, encontra-se o maior bolsão de ocupações irregulares do Paraná, com sete vilas e mais de 6 mil moradores.

Some-se à lista a parceria com o projeto PBMIH – Português Brasileiro para Migração Humanitária. O NCEP integra um coletivo de cinco outros projetos que apoiam o PBMIH. As atividades de depoimento com participantes do grupo Reatar (Rede de Apoio ao Tratamento Anti Retroviral), mantido pelo Hospital de Clínicas da UFPR e com 18 anos de ação junto a contaminados pelo HIV. Por fim, o NCEP trabalha na construção do Museu da Periferia Vila das Torres, área de ocupação irregular mais antiga da capital paranaense, cujas origens remontam o início dos anos 1950.

## **2. Síntese da Ação Educomunicativa**

Logo no início da pandemia, percebeu-se a urgência de retomar os projetos de extensão desenvolvidos pelo NCEP. Buscou-se dentre os públicos atendidos os que estavam mais sujeitos ao isolamento, aqui entendido como invisibilidade social agravada pela pandemia. Optou-se por desenvolver ações voltadas para crianças, adolescentes e jovens da periferia, e socorro a pessoas ligadas ao sistema de saúde, a exemplo dos participantes do grupo Reatar, de apoio aos contaminados pelo HIV.

Estabeleceu-se uma rotina de reuniões semanais remotas – com uma equipe reduzida a nove extensionistas, todos com experiência de atuação em anos anteriores. Para cada projeto – os colégios estaduais João Gueno e Santos Dumont, o grupo Reatar e as comunidades da Caximba e Vila Torres – foi esboçado a proposta de um produto final, realizado na forma remota, e que pudesse ser difundido, posteriormente, como subsídios para educadores sociais, professores, agentes sanitários, por intermédio de um “braço” do núcleo, ainda em formação, o “Gaveta Edições”.

As premissas que regem a ação são os princípios extensionistas da interação dialógica, impacto social e transdisciplinaridade (GONÇALVES, QUIMELLI, 2016). Na ONG Passos da Criança, da Vila Torres, buscou-se uma rotina com os educadores que atuam na comunidade. A necessidade dialógica expressa por esses atores – que mantiveram o regime de contraturno escolar remoto, com crianças da comunidade – foi o da produção de tutoriais para gravações de vídeos e, na sequência, a realização de um documentário que focalizasse a ação da ONG numa das regiões mais organizadas comunitariamente da cidade, mas também das mais violentas (FERNANDES, 2014).

---

Paralelo, o NCEP colaborou no desenvolvimento de indexadores digitais dos vídeos produzidos pela Passos da Criança – cuja escala se multiplicou durante a pandemia.

Para a ação no Colégio Estadual João Gueno, situado no bairro São Dimas, no município de Colombo, Região Metropolitana de Curitiba, retomou-se a parceria iniciada em 2018 com a professora de Língua Portuguesa, Érica Rodrigues, e com o diretor da escola – Francis da Silva. A ação extensionista na instituição que fica na “periferia da periferia” é profícua, contabilizando até agora a produção de um site de notícias, o *Gueno News*, e dois livros de crônicas escritas pelos estudantes do oitavo e nono anos: *De pés no Chão: o São Dimas que vivemos* (2018) e *O meu, o seu, o nosso São Dimas* (2019). A escolha para o período pandêmico foi a produção de uma revista online – *Janelas abertas* – toda escrita pelos alunos do “João Gueno”.

Quanto ao projeto que contempla adolescentes do Colégio Estadual Santos Dumont, oriundos dos bairros Guaira, Lindoia e Parolin – os dois últimos tradicionalmente pobres e estigmatizados – e jovens das ocupações do bairro Caximba, onde se encontrava até pouco tempo o Aterro Sanitário de Curitiba e Região Metropolitana, pautou-se, em seu início, na possibilidade de apoio à educação remota.

Seguiu-se os trâmites naturais de contato, com professores do “Dumont”, da Escola Municipal Professora Joana Raksa e do Colégio Estadual Professora Maria Gai Grendel – os dois últimos instalados na Caximba. Como parte do processo, foi retomado o contato com a pedagoga e líder comunitária da Ocupação 29 de outubro, a maior dentre as sete que formam o “bolsão” da Caximba, Luzia de Andrade Cruz, conhecida como “Gaivotta”. Ela coordena o projeto “Move Vidas”, que promove ações coletivas a favor dos moradores da região, mantém um contraturno e uma biblioteca.

A ação na região incluiu retomada da parceria com a Promotoria das Comunidades do Ministério Público Estadual (MP-PR), que tem forte atuação naquela divisa. O saldo das conversações foi a necessidade de fazer um documentário que registre a ação dos educadores em meio à pandemia e a voz dos adolescentes e jovens isolados nessas periferias. .

Sobre o projeto Reatar, os extensionistas que já faziam parte das atividades do programa se propuseram à finalização do livro de depoimentos dos pacientes contaminados pelo HIV – com título de *Vidas no positivo*. Entende-se a urgência de criar mais materiais comunicacionais que tratem de saúde pública. Para essa etapa,

---

somam-se à dezena de depoimentos dos pacientes, recolhidos anteriormente, entrevistas com o médico infectologista e coordenador do projeto Reatar, Jean Marcel Lemes; com a enfermeira Caroline Ribeiro Barbosa; e com o médico nutricionista do projeto, Victor Kenzo Modanese. O livro, no formato digital, está em fase de finalização.

### 3. Metodologia

O presente artigo registra a experiência dos extensionistas do Ncep durante a pandemia do Covid-19. Caracteriza-se por uma pesquisa quanti-qualitativa, de caráter introdutório, exploratório e experimental. Visa decodificar os desafios e benefícios enfrentados pela ação num período vetado ao presencial, elemento visto como condição essencial para a extensão. Tem-se como objetivo analisar o processo de retomada do núcleo; a natureza das atividades extensionistas na forma remota; o resultado comunicacional e pedagógico dos métodos empregados.

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular conta com 18 integrantes, mas a pesquisa que analisa os resultados da ação extensionista remota, foi realizada com dez participantes<sup>6</sup>, sendo 6 alunos de Jornalismo, 3 alunos de Relações Públicas e 1 de Publicidade e Propaganda. Todos estão entre o segundo e o terceiro ano da graduação, com a idade que vai dos 18 aos 23 anos. Usou-se para a pesquisa o “formulários Google”. Os autores do artigo não são respondentes da pesquisa. Dos dez consultados, sete enviaram as respostas.

As perguntas feitas na pesquisa foram: “Como se iniciou o trabalho do NCEP na pandemia?”; “Como ocorreu a construção do que seria produzido nos projetos que você faz parte?”; “Qual está sendo a maior diferença do antes e do agora? Explique por quais motivos?”; “Como foi o processo de criação de vínculos/contato com os antigos e novos parceiros do NCEP?”; “Como é a nova realidade da extensão para você?”; “Para você, qual grau de eficiência do trabalho desenvolvido agora na pandemia? (Ruim, Regular, Médio, Bom, Muito bom)”;

“Quais foram/estão sendo os maiores aprendizados?”;

“Dentre as dificuldades abaixo, classifique o grau de cada uma, considerando 1 (um) como menos problemática e 5 (cinco) muito problemática: I. Internet, II. Conciliação de tempo, III. Contato com os entrevistados/alunos”;

“Se houve outra dificuldade, qual foi?”;

“Como está sendo a organização e planejamento de uma gestão à distância?”.

---

<sup>6</sup> Tendo em vista a recente adição de oito novos membros ao núcleo, optou-se por realizar a pesquisa com os que estiveram desde o começo das atividades remotas.

---

Essas questões se tornaram a base para o estudo dos dados, tendo como o filtro análise de conteúdo de Bardin (2011). Os extensionistas foram numerados, de modo a não serem identificados.

### **Análise dos dados**

A pesquisa busca captar as percepções sobre a ação extensionista e educacional em situações desfavoráveis. Segue uma súmula dos resultados, a partir das respostas mais relevantes a perguntas selecionadas previamente pelos autores. Usou-se como critério de seleção o impacto das informações recolhidas na pesquisa e a potencialidade que as respostas apontam para gerar tecnologia educacional, comunicacional e extensionista:

**A) Como se iniciou o trabalho do NCEP na pandemia?** Seis dos sete integrantes pesquisados entendem que foi necessário “adaptar os projetos para o modo digital”, como condição para retomar as atividades. Quatro extensionistas disseram que o maior motivo da retomada era “não perder contato com os parceiros do núcleo”. Ao todo, três falaram da importância de “bolsas emergenciais como incentivo” para o discente extensionista; três salientaram a importância do “contato primário do coordenador com os parceiros”, dando norte às atividades.

**B) Como ocorreu a construção do que seria produzido nos projetos que você faz parte?** Todos os entrevistados afirmam a importância de “reuniões para planejar” os passos ao longo do semestre. Quatro concordam na necessidade de “adaptação”, seja ao parceiro ou à decisão do que seria realizado. Afirmaram que foi necessário fazer reavaliações ao longo do semestre. Três concordam na relevância da “organização de produção”. Dois afirmam que o processo de construção foi “espontâneo e orgânico”. Uma afirmou que sentia no começo confusão em relação ao objetivo no projeto Vila Torres. Não lhe parecia claro em que lugar o núcleo atuaria na comunidade.

**C) Qual está sendo a maior diferença do antes e do agora? Explique os motivos:** cinco dos setes integrantes ouvidos afirmaram que há “menos entendimento e engajamento [virtual] do que pessoalmente”. Uma extensionista afirmou que pela tela as pessoas são mais dispersas, pois mesmo com durações menores, as reuniões saturam mais. Dois alertam para a falta de distinção entre “espaço/tempo de trabalho, acadêmico, de extensão e pessoal”. Qualquer assunto a ser discutido vira motivo para



---

uma chamada (online). Dois pontuaram as “dificuldades técnicas”, como falhas de internet, aparelhos sem microfone ou câmera e até mesmo a ausência de aparelhos (caso de alguns familiares da Vila Torres e Caximba). A sensação para a extensionista 1 é que tudo fica mais “passo a passo”. Algo que antes era decidido em 10 minutos (pessoalmente), agora exige marcar uma reunião, cada um vai falar por vez e geralmente com as câmeras desligadas. O processo teria ficado mais demorado e menos dinâmico.

[..] Com isso o NCEP perde um pouco da espontaneidade, tanto nas reuniões da gestão quanto nas oficinas. Pessoalmente há um contato com as pessoas, que é único, conhecendo lugares, dialogando com os alunos/oficineiros de forma mais natural... Criando experiências. A distância dá a sensação de que não estamos vivendo o projeto, apenas produzindo. [...] (Extensionista 1)

A principal diferença é o dia a dia de atuação no projeto. Antes nós tínhamos a prática no local de atuação, hoje desenvolvemos apenas de casa. Sinto muita falta disso, de estar a caminho do local e poder compartilhar novas ideias com os colegas, de poder atuar diretamente com o nosso público e conseguir perceber quais aspectos precisam ser mudados, se está funcionando ou não. (Extensionista 5)

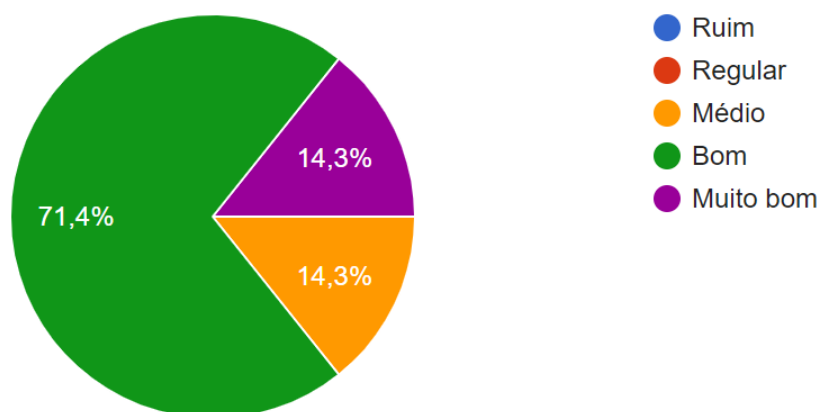
**D) Como foi o processo de criação de vínculos/contato com os antigos e novos parceiros do NCEP?** Quatro dos integrantes escutados afirmaram que o vínculo se deu por meio de “reuniões de planejamento com os parceiros”. Três perceberam a importância do direcionamento e “contato do coordenador com os parceiros”. Dois extensionistas disseram que o processo foi “devagar e travado” principalmente na criação de vínculos com novos parceiros. A extensionista 5 afirmou que além da estratégia de enviar emails a todos os que estavam trabalhando juntos em 2019, o contato se deu de formas mais diretas via whatsapp. Em específico, o projeto Caximba/Dumont teve uma reunião aberta entre todos os parceiros, permitindo interação e apresentação da proposta do documentário.

**E) Como é a nova realidade da extensão para você?** Cinco dos sete integrantes pesquisados responderam ser “desafiadora” [a extensão]. Uma entrevistada sente estar em discussão o verdadeiro conceito de extensão. Ainda assim, acredita que o núcleo de extensão cumpre o papel de levar conhecimento à população. Três afirmam que a extensão está em “adaptação” à nova ordem. Faz-se necessário uma oficina, para oferecer subsídios sobre como lidar com as plataformas, equipamentos e imprevistos

recorrentes. Dois consultados dizem gostar do “conforto de poder fazer as atividades em casa”; e um afirma que só ocorre a quem possui acesso ao meio digital, sendo dessa maneira excludente.

**F) Para você, qual grau de eficiência do trabalho desenvolvido agora na pandemia? (ruim, regular, médio, bom, muito bom):**

Gráfico 1 - Resultado eficiência do trabalho



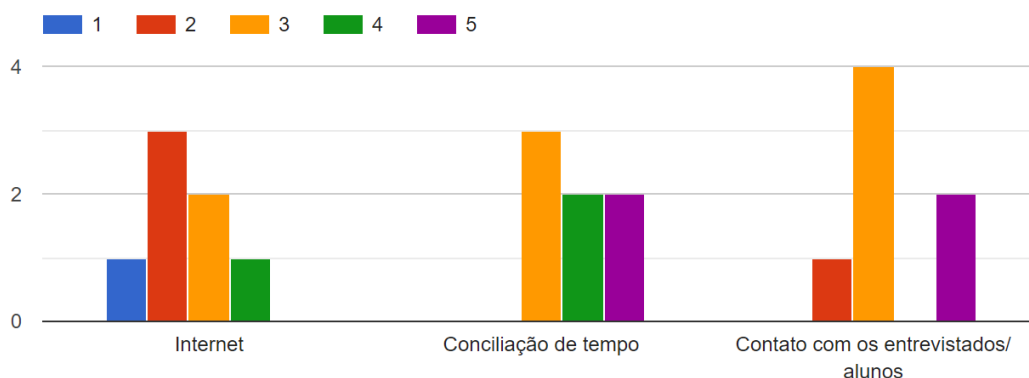
Fonte: Os autores, a partir dos resultados da pesquisa feita por formulário

**G) Quais foram os maiores aprendizados:** Cinco dos sete pesquisados relataram ter aprendido mais sobre “adaptação”. O extensionista 6 acredita que no futuro poderemos utilizar presencialmente as ferramentas e recursos antes avaliados como desnecessários. Em conjunto, dois dos ouvidos indicaram que a pandemia lhes trouxe “mais persistência”; dois destacaram a importância da “organização”; dois afirmaram compreender o “valor do NCEP”; dois acreditam ter aprendido mais sobre “empatia”.

[..] Podemos aprender, ou melhor, notar com tudo isso, é o quanto nosso trabalho é útil e recompensador em qualquer situação. Quem imaginaria que um dia o NCEP atuaria 100% através da internet e colheria resultados com isso, no entanto, aqui estamos. (Extensionista 6)

**H) Dentre as dificuldades abaixo, classifique o grau de cada uma, considerando 1 (um) como menos problemática e 5 (cinco) muito problemática: I. Internet, II. Conciliação de tempo e III. Contato com os entrevistados/alunos:**

Gráfico 2 - Resultado grau de dificuldade



Fonte: Os autores, a partir dos resultados da pesquisa feita por formulário

**I) Se houve outra dificuldade, qual foi:** Não ocorreu concordância. Um integrante relatou a dificuldade de se concentrar em casa. Um se sente incomodado com a demora na tomada de decisões e perda na continuidade de projetos. Um disse não saber de fato se todos os integrantes do núcleo estão se entendendo nas reuniões virtuais. Um relatou sentir dificuldade em manter a saúde mental.

### Análise dos resultados

Segundo as respostas obtidas no formulário<sup>7</sup>, entende-se que a forma remota, à revelia de sua fragilidade, garantiu o fim da paralisação das atividades. O modelo remoto permitiu a manutenção do vínculo com os atores cativados pelo programa, em ações anteriores. Entende-se que a universidade favoreceu a criação destas comunidades virtuais, garantindo a força da educomunicação, mesmo em situações adversas.

A partir da perspectiva da educomunicação, o ambiente educacional é o que mais favorece a criação de comunidades virtuais, uma vez que, na educação a busca de informações e os contatos mantidos pelas pessoas envolvidas geralmente perseguem objetivos muito bem definidos, sendo que a abertura para a cooperação já faz parte do ideário de muitas das filosofias de educação em uso. (SOARES, 2003, p. 100)

Outro destaque no conjunto das respostas é a importância de incentivos em forma de bolsas emergenciais. A política de amparo garantiu que a extensão não ficasse

<sup>7</sup> O acesso as respostas:

<https://drive.google.com/file/d/1dghAQJOGBMOjHaP6nwG8f6MmjhYVBDIQ/view?usp=sharing>

estagnada, além de prover segurança econômica e mental extensionistas. O momento foi descrito como “sensível”. Pede reavaliação contínua, diálogo, estratégias e se beneficia da internet, que possibilita o imediatismo nos contatos. Ao mesmo tempo, o mudo virtual passa para o extensionista uma sensação de instabilidade e dispersão (BARROSO, 2014).

Outro aspecto que reflete diretamente nos resultados e no aprendizado do extensionista é a falta de distinção do espaço universitário e pessoal. Nas palavras do extensionista 7, ocorre “uma espécie de invasão necessária”, que muda a forma de pensar o trabalho.

Notou-se que as falhas técnicas provenientes do regime *home office* podem determinar, para pior, o produto final. O sentimento de “tarefa incompleta” (Gráfico 1) vem seguida de “potencial total não alcançado”. Dos sete entrevistados, apenas um avaliou a eficiência como “muito boa”. Outro motivo para essa avaliação pode estar refletido na necessidade de estar “produzindo”. A fala dos extensionistas vem eivada da angústia produtivista: “Não podemos parar” (SILVA, 2009).

Em resumo, a palavra chave usada para descrever essa experiência é “adaptação” ao projeto, aos parceiros e aos integrantes. Nota-se no (Gráfico 2) a necessidade de conciliar um maior número de problemáticas – desafio contínuo para quem abraça a extensão.

### **Considerações Finais**

A extensão remota em meio a uma crise sanitária é uma experiência nova e desafiadora. A extensão enfrenta um de seus maiores alçozes: a impossibilidade da presença física. Há consequências? Sim. Positivas e negativas: a pandemia de Covid-19 tornou necessário se adaptar aos meios digitais, como condição para a sobrevivência da extensão. A necessidade de comunicação e entendimento nunca foi tão necessária como neste momento, pois são muitos os ruídos comunicacionais. Nas conversas virtuais nasceram as propostas de dois documentários, uma revista digital e a finalização do livro de depoimentos. Antes destas escolhas definitivas foi necessário reavaliação, replanejamento e adaptação às vivências dos parceiros.

No momento, todos os projetos do NCEP estão em andamento. O Reatar está na fase final de edição do livro e com a publicação programada para o fim de 2020. Os

documentários do Projeto Caximba/Dumont e da Vila Torres se encontram em fase de produção, com a conclusão prevista para o final do ano e começo de 2021, respectivamente. O Projeto João Gueno teve a entrega da primeira revista mensal no começo de outubro. Serão produzidas mais três edições mensais até dezembro.

A obtenção de resultados no final dos projetos é necessária, mas a experiência da extensão a distância também trouxe aprendizados incontestáveis (OROZCO-GÓMEZ, 2014). A distância presencial, contudo, existe, persiste e cria uma nova barreira a ser atravessada. Durante meses, houve empenho extenuante no diálogo com públicos que, anteriormente, eram difíceis de contatar. O fato é que a pandemia criou mais obstáculos no caminho da comunicação. De qualquer modo, pode-se afirmar que a ação extensionista na forma remota é possível. Continua-se a praticar a comunicação popular e a educomunicação na comunidade. A extensão, mesmo quando no escuro, aproxima pessoas em pleno distanciamento social.

### Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROSO, J. A. Gabelas. Cenários virtuais, cultura juvenil e educomunicação 2.0. IN: APARICI, Roberto (org.). **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

CITELLI, Adilson (org.). **Educomunicação: comunicação e educação: os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.

FERNANDES, José Carlos. “Novembro negro” na Vila das Torres. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 16 nov. 2014. Vida e Cidadania, p. 12.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. QUIMELLI, Gisele A. de Sá (orgs.). **Princípios da extensão universitária**. Curitiba: Ed. CRV, 2016.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania. São Paulo: Paulinas, 2014.

PERUZZO, Cicilia. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. In. **Comunicação Comunitária - ECO-Pós: Publicação da pós-graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ**, v.12, n.2. Rio de Janeiro, maio-agosto 2009, p. 46-61.

RIBEIRO, Renato Janine. **A pátria educadora em colapso: reflexões de um ex-ministro sobre a derrocada de Dilma Rousseff e o futuro da educação no Brasil**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**. 11.ª ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

---

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura:** ensaios. 2.<sup>a</sup> ed. revista e atualizada. São Paulo: Global, 2009.

SOARES, Ismar. EaD Como prática Educomunicativa: Emoção e Racionalidade Operativa. In Silva, M. **Educação online. Teorias, práticas, legislação, formação corporativa.** São Paulo: Loyola, 2003, p. 89-103.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.